

# Violência contra a mulher: problema além da ficção

*(Jornal de Brasília, 02/12/2015) Bastante discutido nas redes sociais, tema também é retratado na TV como forma de conscientizar*

Recentemente, campanhas como #meuprimeiroassédio e #meuamigosecreto, que denunciam abusos sofridos por mulheres, tomaram conta das redes sociais. Por conta dessas iniciativas, o número de denúncias de violência contra a mulher – seja ela física, moral ou psicológica – no 180, o disque-denúncia, chegou a 63.090, 40% a mais do que no mesmo período do ano passado, de acordo com dados divulgados, ontem, pela Central de Atendimento à Mulher. Na TV e no cinema, o tema violência contra a mulher também é muito abordado, e não é de hoje.

Na novela Mulheres Apaixonadas (2003), o tema da violência doméstica foi bastante discutido com a personagem da atriz Helena Ranaldi. Ela vivia Raquel, mulher que sofria agressões físicas do marido Marcos (Dan Stulbach). Vítima do ciúme doentio do parceiro, a personagem tinha medo de denunciá-lo. As célebres cenas de agressão com raquete de tênis deram o que falar na época.

Atualmente, os noveleiros de plantão têm se deparado com o relacionamento abusivo vivido por Domingas e Juca (Osvaldo Mil), em A Regra do Jogo. A atriz que dá vida à personagem, Maeve Jinkings, ressalta a importância de se falar no assunto, para que as pessoas olhem com mais simpatia para mulheres que passam por essas situações, e ainda precisam lidar com o julgamento da sociedade. “Espero que não apenas as mulheres agredidas psicologicamente, como Domingas, possam refletir melhor, mas também os que estão ao redor. As pessoas tendem a não compreender a complexidade das relações e frequentemente culpam a vítima. Isso é uma ignorância que fortalece o agressor”, diz a atriz brasileira.

## **Inspiração**

Jinkings afirma não ter como prever se a sua história irá servir como motivação para mulheres que passam pela mesma situação, mas se diz satisfeita com a repercussão de seu trabalho. “Antes eu não conhecia quase nada da dinâmica do assédio moral nas relações de casal. O que espero é que isso, no mínimo, cause algum debate, algum incômodo”.

A teledramaturgia brasileira está repleta de personagens que podiam servir de referência e pesquisa, mas Maeve preferiu não utilizar nenhuma. “Queria compreender essas mulheres na vida. Li bastante o diário de Frida Kahlo, sobre seu enorme amor por Diego (Rivera), sua solidão, e como ela suportava as traições dele”, conta a atriz, que adianta, ainda, que os telespectadores estão próximos de ver no ar a reviravolta na vida de Domingas.

## **Lei Maria da Penha**

Paolla Oliveira, de O Profeta (2006), era Sônia, que chegou a ser trancada no quarto pelo próprio parceiro, sem poder comer. No fim, ela consegue se libertar do cativo e vive sua vida longe do malfeitor. Na pele da personagem Catarina, de A Favorita (2008), Lília Cabral deu vida a uma dona de casa submissa que sofria com agressões físicas e morais do marido, vivido por Jackson Antunes. Na trama a reviravolta começa quando Catarina começa a se

relacionar com Stela (Paula Burlamaqui).

Em 2011, a novela Fina Estampa representou as implicações policiais e legais decorrentes da denúncia de violência doméstica por meio da história do casal Baltazar (Alexandre Nero) e Celeste (Dira Paes), na foto abaixo: ele agride a mulher e a filha continuamente. Ao tentar matar a esposa em uma briga, a polícia é acionada, e ele, preso em flagrante, sendo retratado na trama todo o desenrolar do procedimento previsto na Lei Maria da Penha.

### **Quatro perguntas para Maeve Jinkings**

#### **Onde buscou referências para criar a Domingas? Chegou a ter contato com mulheres vítimas de violência?**

Entrevistei e continuo aberta a entrevistar diversas mulheres vítimas desse tipo de relação. No início precisei procurá-las, mas hoje em dia os depoimentos chegam em enxurrada, vou filtrando na medida de minha possibilidade emocional e de tempo. Também conversei com homens agressores e li relatos de alguns deles a fim de compreender melhor a dinâmica que os leva a acreditar que podem agredir suas companheiras.

#### **Por que, na sua opinião, tanto a personagem, quanto as “Domingas” da vida real, se mantêm em um relacionamento abusivo?**

Em primeiro lugar porque ninguém acha que está vivendo isso. É como uma doença que só “o outro” é quem tem... quem vive isso demora muito a perceber e, quando percebe, o mais comum é se sentir responsável pela situação. Uma relação abusiva é alimentada basicamente por medo e culpa, o agressor joga com esses elementos e assim manipula psicologicamente a vítima. De todo modo, cada caso é um caso.

#### **A audiência feminina da novela te aborda na rua? Se identifica?**

Sim, muitas mulheres me abordam, e muitas naturalmente me contam suas histórias. A verdade é que elas são mais comuns do que se pensa, e em todas as classes e família há algum caso. Depois de Domingas, já obtive relatos de todos os lados, até dentro dos meus círculos de amizade mais próximos, na família, no Projac. Todos conhecem alguém, a gente apenas não fala sobre isso, pois é um tema vergonhoso e confuso.

#### **Você nasceu em Brasília, mas foi embora muito cedo. Tem boas lembranças da cidade?**

Tenho memórias muito vivas da minha infância na capital. Meu pai, irmãs, parentes e amigos ainda vivem na cidade. Visito todos os anos, amo muito Brasília!

*Raquel Martins Ribeiro*

**Acesse no site de origem:** [Violência contra a mulher: problema além da ficção \(Jornal de Brasília, 02/12/2015\)](#)

---

## 'Empoderamento' das mulheres na ficção cresceu, mas poucas são memoráveis

**(O Estado de S. Paulo, 01/08/2015)** *Ascensão política das personagens femininas cresceu nas séries*

Pouca gente se lembra da efeméride, mas há dez anos a democrata Mackenzie Allen entrou para a história da TV como a primeira mulher a ocupar a Casa Branca em uma série. Em *Commander in Chief*, Geena Davis era uma modesta congressista do estado do Connecticut e reitora da Universidade de Richmond quando uma acomodação política a colocou no cargo de vice-presidente. Com a morte do titular, ela assumiu o comando, mas a “gestão” durou pouco. Por absoluta falta de audiência (e de carisma da protagonista), a série acabou cancelada logo no ano seguinte.

De lá para cá, a participação feminina na ficção política cresceu exponencialmente, mas foram pouquíssimas as mulheres que deixaram um “legado” na memória do público. Uma delas sem dúvida foi a ex-vice e atual presidenta dos Estados Unidos, Selina Meyer, na série *Veep*, que rendeu o Emmy para a protagonista Julia Louis-Dreyfus. Quando, em 2016, a democrata Hillary Clinton estiver começando sua maratona de primárias para chegar à Casa Branca, a HBO exibirá, em abril, a quinta temporada da épica carreira de Selina.



'Veep'. Julia Louis- Dreyfus como Selina Meyer, presidente dos EUA (Foto: Reprodução)

Bem antes disso, no começo de outubro, a CBS exibirá a segunda temporada de outra série que, assim como *Commander in Chief*, prometeu muito mais do que entregou em sua primeira

edição: *Madam Secretary*. Para promover a atração, o canal contará com um reforço de peso. Ninguém menos que Madeleine Albright, a primeira mulher a ocupar de fato o cargo de Secretária de Estado dos EUA, vaga que hoje pertence a Hillary Clinton, participará de um dos episódios interpretando a si própria e dando conselhos para a “sucessora” da ficção.

Nem os mais otimistas, porém, acreditam que o reforço será o suficiente para salvar a atração da inanição criativa. A protagonista, Elizabeth McCord (Téa Leoni), lembra muito a presidente Mackenzie Allen em *Commander in Chief*. Professora universitária, democrata e idealista como antecessora, ela também é surpreendida ao ser convocada para ocupar o cargo, nesse caso o de secretária de Estado, quando o titular morre em um acidente aéreo.

Além da falta de carisma, ambas sofrem com o roteiro precário, elenco de apoio fraco e conspirações capengas. Nesse hiato de dez anos entre as duas poderosas, a TV americana mostrou que ainda não conseguiu desvincular o poder feminino da obrigação de coadjuvá-lo por tramas domésticas. Não basta ser presidente, tem que ser mãe zelosa e boa esposa depois do expediente.

A insistência em colocar em primeiro plano a “sensibilidade feminina” cria situações constrangedoras. Em uma das cenas da primeira temporada, Elizabeth McCord conversa com os pais de dois adolescentes norte-americanos que foram presos na Síria acusados de conspirar contra o regime nas redes sociais. “Também tenho dois filhos adolescentes. Eles são espertos, confiantes e articulados. Meu filho inclusive se diz anarquista”, diz a Madame Secretária. A preleção foi o suficiente para arrancar lágrimas e acalmar a aflição dos pais.

As melhores gestões femininas na ficção política estão mesmo fora dos EUA. Uma boa opção é a série *Borgen*, que acompanha a trajetória política de Birgitte Nyborg. Nas duas primeiras temporadas, ela ascende na política até chegar ao cargo de Primeira Ministra da Dinamarca. O expediente familiar também está presente, mas as tramas políticas são mais sofisticadas e verossímeis. Na terceira e última, ela rompe com o status quo e decide criar um novo partido.

*Pedro Venceslau*

**Acesse o PDF:** [‘Empoderamento’ das mulheres na ficção cresceu, mas poucas são memoráveis \(O Estado de S. Paulo, 01/08/2015\)](#)

---

## **Assim como na vida real, mocinhas que fazem aborto são condenadas na ficção**

**(Boa Informação, 02/10/2014)** Há pelo menos duas opiniões - por razões diametralmente opostas - a cerca do aborto. A primeira defende a prática alegando que a mulher é um ser livre e tem o direito da escolha, principalmente quando envolve a maternidade. O corpo é dela e ponto. A religião, a família, o parceiro e a sociedade não devem opinar sobre a decisão. A segunda, por questões éticas, religiosas ou científicas, diz ser contra o método porque a decisão não cabe ser feita exclusivamente pela mulher, mas também a vida de mais um ser

humano. Por razões divinas, dizem, o feto ou bebê tem direito de viver e ser amado. A liberdade de um não pode prejudicar o direito do outro e ponto.

Concordando ou não, legalizando ou não, o aborto sempre existiu e sempre existirá. No Brasil, cerca de um milhão de mulheres abortam por ano e, dentre esse número, ao menos 250 mil sofrem complicações em abortos clandestinos, decorrentes da prática malfeita em locais sem condições de higiene ou segurança, o que leva a assumir no ranking a quarta posição em causa de morte materna, segundo o Ministério da Saúde.

O assustador é que todas essas mulheres que encaram o aborto clandestino são pobres, podem ser mocinhas ou vilãs. Geralmente recorrem a métodos arriscados, como a utilização de remédios e objetos pontiagudos. Algumas sentem dores inimagináveis e sangram até a morte. Se sobrevivem, são algemadas, detidas e interrogadas porque, de acordo com o código penal, abortar no país é crime previsto no Código Penal Brasileiro, datado de 1940. O ato só é permitido em casos de gestação resultante de estupro, gestação de anencéfalos e quando há risco de vida da mãe. Qualquer coisa além disso, nas entrelinhas do Código Penal, é considerado capricho ou injustiça.



Isis Valverde, Sandra de Boogie Oggie (Foto: Divulgação)

Enquanto todas essas questões de interesse social gritam na cabeça dos brasileiros (sobretudo brasileiras), o eco não parece alcançar a telenovela, grande formadora de opinião. A personagem de Isis Valverde, a Sandra, de Boogie Oggie (Globo, 18h), conheceu o personagem de Marco Pigossi, o Rafael, e, depois de inúmeros empecilhos, finalmente ficou numa boa com o cara. Só que semana passada, no auge do conto de fadas, ela descobre que está grávida do seu noivo que morreu em um acidente aéreo, no começo da trama.

Em nenhum diálogo, em nenhum ataque de desespero, sequer passou pela cabeça da mocinha não ter a criança. Sequer foi cogitado um aborto, tão praticado na década de 1970 e 80 quando se passa a novela, período em que, segundo o Ministério da Saúde, estima-se que quatro milhões de abortos foram feitos por ano, porque os métodos anticoncepcionais eram poucos ou falhos e a disseminação no país de políticas de planejamento familiar era precária.



Taís Araújo, Verônica de Geração Brasil (Foto: Divulgação)

Em Geração Brasil (Globo, 19h), a personagem de Taís Araújo, a jornalista Verônica, decidida a investigar a vida de Jonas (Murilo Benício) para escrever uma biografia não autorizada dele, acaba se envolvendo e se apaixonando pelo milionário, até então casado. Separados pelos bons e velhos truques do folhetim, eis que a moça, agora sozinha, é surpreendida pelo resultado da gravidez. Por lá também um aborto sequer passou pela cabeça da personagem, ainda que por alguns segundos após a notícia.

É claro que em ambas as tramas a narrativa está em jogo. Sandra e Verônica precisam dessas benditas crianças para efervescer seus folhetins. Mas o problema está justamente aí. A gravidez nas novelas é empurrada como desculpa para conflitos entre mocinhos e vilões e, quando isso acontece, nada pode ser feito a não ser o parto. A decisão do aborto na ficção não existe, contrariando os dados do Ministério da Saúde no país onde essas obras são representadas. Já o aborto espontâneo vai permear sempre. É mais fácil pôr culpa no destino do que na consciência de uma personagem que será traduzida pelo telespectador.

### **Telenovela se molda ao público conservador**

Embora nos tempos de agora haja a preocupação de se levar temas contemporâneos para a TV, principalmente sobre questões de sexo e sexualidade, a telenovela se faz dúbia: ora se comporta de maneira moderna, ora se comporta de maneira arcaica, devido à campanha delimitada contra tudo o que representa valores que foram preservados por séculos pelas sociedades — desde as mais primitivas até o moralismo que se conserva nos dias de hoje — mundo afora.

O gênero telenovela pode falar de tudo: alcoolismo, violência doméstica, fornicção, adultério, corrupção, etc, o público aceita. Mas aborto nem pensar. A mocinha pode ser reduzida a um monte de lágrimas, ser humilhada, sequestrada, enganada, mas aborto, sempre sinônimo de crime, nunca. Vilãs podem porque elas são mal vistas e vão pagar no final das contas.

Amor à Vida (2013), com seu hospital como cenário, trouxe o assunto superficialmente, sem criar relação intimista entre a personagem abordada com o espectador, tal qual aconteceu em Saramandaia (2013). Ambas as novelas não fizeram refletir se o bom comportamento seria aquele bem-visto pelos outros ou aquele que faz o ser humano se sentir livre. Não permitiram o espectador melhorar ou até mesmo mudar sua opinião, seja ela qual for. As que foram e as que estão no ar não mostram a luta pelos direitos reprodutivos e sexuais das mulheres e a luta para que nenhuma delas morra por morte materna. Se é um problema de pressão na alta cúpula da emissora, desleixo ou falta de interesse dos autores sobre o tema, ninguém sabe.

Mas dizem que o autor Manoel Carlos entende da alma feminina. Há pouco tempo, na novela Em família, o autor balanceou opinião. A personagem de Jéssica Alves, empregada da personagem de Vanessa Gerbelli, confessou ter feito três abortos e não ter se arrependido. Alegou ser jovem e não ter condições financeiras para ter filhos. Já a personagem da atriz Jéssica Barbosa, a Neidinha, foi vítima de estupro coletivo, engravidou, não cogitou o aborto e teve o bebê. Entretanto, nenhuma delas era protagonista.

Mas quando Maneco criou a Helena de Taís Araújo, ousou ao colocar na sinopse de Viver a Vida (2009) que, quando jovem, a protagonista havia feito um aborto em nome da carreira de modelo. Condiz com a realidade. Sofisticada, bonita e rica, foi massacrada pelos telespectadores. Não por conta desses adjetivos ou pela cor da pele, mas porque o público, sempre intervindo com seus julgamentos, considerou Helena uma criminosa, uma espécie de vilã mascarada de mocinha.

Se o amor entre pessoas do mesmo sexo, tais quais seus conflitos, já foram absorvidos pelos folhetins, a questão do aborto ainda é tabu inquebrável na teledramaturgia. Para parcela do telespectador, aborto é palavrão, é clandestino, é feio, é coisa de puta, é feito por almas femininas sem sentimento. Se a mocinha ou qualquer personagem de bom caráter ousa pensar no assunto, coitada, é demonizada sem redenção.

*Murilo Melo*

**Acesse no site de origem:** [Assim como na vida real, mocinhas que fazem aborto são condenadas na ficção \(Boa Informação, 02/10/2014\)](#)